



CIÊNCIA PARA A REDUÇÃO DAS DESIGUALDADES

O trabalho familiar e a produção camponesa: um estudo de caso nos assentamentos Colônia Conceição e Andalúcia -Nioaque/MS

Jaqueline Pardini Braz - 1ª autora. Graduanda da Licenciatura em Educação do Campo – UFGD. E-mail: jakeflorpardinho@gmail.com. Bolsista PIBIC/UFGD
Jeanne Mariel Brito de Moura Maciel - 2ª autora. Docente da Licenciatura em Educação do Campo – UFGD. Bolsista Pesquisadora Ingressante.

E-mail: jeannemoura@ufgd.edu.br

Leonice Alexandra Tessmann De Correia – 3ª autora. Graduanda da Licenciatura em Educação do Campo – UFGD. E-mail: leonicealexandra15@gmail.com. Bolsista PIBIC/UFGD

Introdução

Este trabalho buscou analisar as formas de reprodução social e as relações de trabalho em curso nos assentamentos Andalúcia e Colônia Conceição, em Nioaque, no Mato Grosso do Sul. Assim, propomos neste artigo: destacar o tipo de destino da produção dos assentados, se é para o consumo familiar ou para a comercialização; verificar a renda média mensal dos assentados, se a produção é orgânica ou com insumo, se utilizam equipamentos de trabalho manual ou mecanizado, se os membros recebem algum benefício do governo e qual a quantidade de hectares que cada lote possui.

Objetivo

analisar como a produção local, das famílias da agricultura familiar, está organizada, a fim de contribuir com pesquisas no âmbito da sociologia rural que vêm criando uma tipologia da diversidade de produção dessas localidades.

Metodologia

No tocante a metodologia, a pesquisa de campo foi realizada nos anos 2016, 2017 e 2018, em dois assentamentos: Colônia Conceição e Andalúcia, localizados no município brasileiro de Nioaque, na região centro-oeste do Brasil e no sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul. Foram pesquisadas sete famílias de cada assentamento, totalizando quatorze famílias. Além disso, foram aplicados questionários semiestruturados a estas famílias e feita uma observação do dia a dia dos camponeses em seus lotes.

Discussão e resultados

De forma breve, salienta-se que o assentamento de Andalúcia (Nioaque-MS) está inserido em uma série de singularidades que nos levaram a querer pesquisar como vivem seus agricultores familiares. Fundado no ano de 1997 pelo INCRA, e com mais de 160 famílias vivendo em seus 4.900 hectares (ECOIA, 2002), o assentamento vem se tornando conhecido pela diversidade de atuação na produção familiar e no estabelecimento de parcerias com diversas entidades alinhadas a uma produção mais justa e sustentável. Paralelo ao Andalúcia, e diferentemente deste em outras questões, o assentamento Colônia Conceição é mais antigo, com as ocupações tendo sido iniciadas na década de 1985, e com aproximadamente 400 famílias tendo sido assentadas no seu começo. A pesquisa realizada em ambos assentamentos demonstrou intensas mudanças na localidade, e com um perfil de moradores bem diverso, os fundadores do lote e os compradores – que chegaram ao lote de forma mais recente.

A pesquisa confirmou que o trabalho familiar no campo em grande medida utiliza-se da mão de obra familiar (pais, filhos e esposa, com 33% dos entrevistados), e com a mão de obra externa temporária (67%), quando é necessário.

Horta do Grupo Raízes do Cerrado- Andalucia-Nioaque-MS



No tocante a organização da produção, constatamos que é feita por meio da policultura, diferentemente do que é feito no agronegócio com a sua monocultura intensiva.

Levando-se em consideração que nossos entrevistados vivem, na sua grande maioria, das atividades agropecuárias, e dada a fraca rede de distribuição do que é produzido nos assentamentos, a renda mensal dos assentados é extremamente baixa com 57,1% recebendo apenas um salário mínimo, provido, principalmente, pela aposentadoria rural, que os poupa da extrema miséria no campo, onde não há condições melhores de vida.

Também observamos no lugar da pesquisa, uma contínua dependência dos agricultores de programas de transferência de renda e da aposentadoria rural, que são o que minimamente garantem a existência de suas famílias no campo.

O campo está se tornando, portanto, um lugar de aposentados, já que os idosos possuem esse benefício para sobreviver, e, quanto aos mais jovens, a pesquisa constatou que muitos saem para a cidade em busca de estudos e serviços.

No que tange ao tipo de produção, por ser de baixo custo, a forma de produção que predomina nos assentamentos alvo dessa pesquisa é a pecuária. Essa desmobilização dos assentados em torno da agricultura, liga-se a uma causa maior e tem haver, principalmente, com a falta de créditos e de políticas públicas que incentivem a produção de gêneros alimentícios.

Os poucos tipos de culturas agrícolas existentes são a mandioca, cana de açúcar, milho, feijão de corda, melancia, quiabo, coco, plantas medicinais, pomar (laranja, pocam, banana, limão etc.) e a horta, utilizada em sua maioria para o consumo familiar.

Na produção agrícola usam-se adubos (fezes de gado e galinha, folhas, restos orgânicos e urina de vaca, caldo do fumo entre outros), e, quando se precisa utilizar o veneno, se faz apenas para acabar com o mato, em vez de capinar o local que será utilizado. Portanto, 64, 3% não utiliza insumo agrícola, e possuem uma produção semi-orgânica.

Considerações finais

Diante do exposto, percebe-se que ainda é preciso e necessário de assistência da prefeitura, do estado e do governo federal para orientar e incentivar a produção dos camponeses, seja criando cooperativas, associações, cursos e palestras, que se unam e ganhem cada vez mais apoio para o fortalecimento da Agricultura Familiar.

A pesquisa revelou ainda, que o agricultor familiar é um sobrevivente, eles (as) não desistem de viver no campo e de se reproduzirem socialmente em seu lugar de vida, com tranquilidade, longe da correria do dia a dia da cidade. Um local onde a produção laboral é organizada de acordo as características familiares, um trabalho não forçado, não-pesado e muito menos árduo, mas feito cuidado. Segundo (Boff, 1999, p. 34), “o cuidado há de estar presente em tudo”.

